

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

AINDA A CAMPANHA DO OUTONO

Como desenvolver o interesse criado pela Colecta do Outono

«Eu vos farei pescadores de homens.» Através destas palavras de Jesus a Seus discípulos desenha-se um plano divino para cada cristão. Ser discípulo, membro da igreja de Cristo, é um título que leva também a ser «pescador de homens.» Em volta de nós, no oceano do mundo, milhares de seres humanos lançam seus olhares para a Bíblia a fim de encontrar a solução para os acontecimentos actuais; compete-nos, a nós, lançar-lhes a rêde do Evangelho e trazê-los para a praia.

Deus não chama apenas pescadores, mas também caçadores, segundo o que declara o profeta Jeremias: «Eis que mandarei muitos pescadores, diz o Senhor, os quais os pescarão; e depois enviarei muitos caçadores, os quais os caçarão sôbre todo o monte, e sôbre todo o outeiro, e até nas fendas das rochas.» Jer. 16:16. Há almas que é preciso caçar. Elas não patenteiam o fardo real da sua vida e a ansiedade do seu coração; mas se as procurarmos e nos aproximarmos delas com amor e tacto, mostrar-se-ão prontas a ouvir as palavras do Céu!

No trabalho da Colecta do Outono, o alvo financeiro não é o único objectivo que devemos considerar. Eis o que o Senhor espera de nós: «Devemos espalhar no mundo a luz da verdade tal como está contida nas Escrituras; e devemos receber do mundo o que Deus lhe inspira dar para a sua causa.» (*Christian Service*, p. 168).

Cada ano têm lugar milhões de contactos pessoais no decurso da Colecta do Outono; e cada ano uma nova seára de almas amadurece. Uma responsabilidade individual repousa sôbre todos os membros, responsabilidade claramente exposta nas linhas seguintes: «Procurai

diligentemente as almas que perecem... Apliquemo-nos à distribuição das publicações preparadas cuidadosamente para aqueles que não participam a nossa fé. Tiremos partido de todas as ocasiões para chamar a atenção dos incredulos. Coloquemos a página impressa em cada mão que se abrir para a receber. Consagramo-nos à proclamação da mensagem. «Preparai o caminho do Senhor: endireitai no ermo vereda a nosso Deus.» (*Christian Service*, p. 169).

Nosso Pai celeste permite a condição actual do mundo — guerras, accidentes, desastres, incertezas, temores, etc., — para que homens e mulheres, despertando da sua letargia, fixem o pensamento sôbre coisas sérias e se preparem para a eternidade. Ao solicitar os donativos, seria da máxima conveniência apontar os nomes e endereços de cada pessoa que, por qualquer indício, manifestasse o desejo de procurar a verdade. Distribuí folhetos. Ponde em acção o plano da Biblioteca circulante; emprestai livros da vossa própria biblioteca aos vossos vizinhos. Um irmão emprestou a um amigo um exemplar do livro intitulado *A profecia fala (Prophecy speaks)*. Este homem leu atentamente, e a mensagem do livro falou ao seu ávido coração. Fêz em seguida uma lista de 50 amigos pessoais, e encomendou um exemplar do livro para cada um dentre êles, porque queria que seus amigos recebessem o auxílio que essas páginas lhe tinham levado a êle próprio. Nunca chegaremos o saber até onde pode chegar a influência de um pequeno livro.

«O tempo actual é uma época que desperta em toda a criatura humana um interesse irre-

(Conclusão na pág. 3)

Para os dirigentes das sociedades missionárias

Responsabilidade dos dirigentes no desenvolvimento do interesse suscitado pela Campanha do Outono

No desenvolvimento do interesse suscitado pela Colecta do Outono, como aliás em qualquer outra fase do trabalho missionário, o papel dos dirigentes é primordial. São os representantes de Deus, colocados à testa do povo, e encarregados de o conduzir no ministério de ganhadores de almas. A igreja elegeu-os para ser dirigida por êles, e ela não ultrapassará os limites que êles atingirem. Os membros aceitam os planos e as sugestões que lhes propõem os dirigentes quando é estabelecido um programa definido; secundam com os seus esforços o trabalho empreendido.

Nenhuma outra campanha anual nos põe em contacto com tantas famílias. Estes contactos estabelecem-se literalmente aos milhões, e nossas publicações juncam os caminhos, indicando ao leitor onde pode encontrar mais amplas informações. Além do jornal habitual oferecido a todo o doador, certas igrejas fornecem, aos que fazem a colecta, impressos, com envelopes, para os deixar às pessoas que não puderem fazer donativo algum; assim a semente da verdade é lançada em cada família que se visitou. Com êstes impressos é igualmente dada a direcção para onde podem escrever para requisitar novas publicações ou obter informações suplementares. Ambas estas maneiras de proceder dão ocasião para se prosseguir um trabalho eficaz, se quem faz a colecta se der ao cuidado de notar o nome e direcção dos que manifestam interesse.

E agora, como há-de continuar a igreja a seguir estas pessoas?

1) Deveria haver um programa elaborado pela Sociedade Missionária e aprovado pelo Conselho da igreja.

2) Os membros deveriam ter conhecimento dêste plano, e os que fazem a colecta ser convidados a indicar as pessoas interessadas.

3) O secretário da Sociedade Missionária da igreja deveria desempenhar o papel de central, recebendo tôdas as listas individuais. Deveria ser feita uma lista global, completa e exacta, e prosseguir-se um plano sistemático de trabalho.

4) Deveriam ser dadas para êste fim directrizes precisas. Em certos casos, os membros que dão os nomes de interessados deveriam ter por tarefa ocupar-se dessas pessoas. Mas por vezes pode ser preferível que outros prosigam êsse esforço. Em qualquer caso, o presi-

dente e o secretário da Sociedade Missionária deveriam saber que trabalho se realiza, onde se faz, e receber relatórios hebdomadários sôbre os progressos realizados.

Põe-se agora outra questão: que jornais escolher? Algum jornal de propaganda, como os *Sinais dos Tempos* onde os houver, parece indicado para o início; depois, a série completa de folhetos e de outros tratados. Onde o interesse parece afirmar-se, convém fornecer leituras mais consistentes. Se se enviam publicações pelo correio, convém que os membros procurem certificar-se periódicamente de que êstes escritos são lidos e apreciados. Podem entreter-se conversações sôbre assuntos religiosos; e em certos casos, estas simples conversas terminarão em estudos bíblicos e em reuniões tidas em casa de particulares. Aqui e além, obteremos resultados mais importantes, porque os acontecimentos actuais fazem reflectir milhares de pessoas sérias e atentas ao desenrolar da crise mundial.

Os dirigentes verão que é necessário vigiar continuamente para que o espírito mercantil não se introduza imperceptivelmente neste trabalho. Nos dias de saída, os grupos de canto e outros métodos da Campanha desconhecidos há vinte anos, tendem claramente para um aspecto comercial. Para encontrar um interesse verdadeiro nas coisas de Deus, é preciso também ir de casa em casa, como outrora se fazia em grande escala.

Ponhamos em acção todos os meios para desenvolver esta colecta de porta em porta; fazendo assim, aumentaremos o interesse e a igreja crescerá. Aqui reside a chave do sucesso para converter almas mais numerosas e fazer delas membros convictos na verdade.

Dirigentes, pesa sôbre vós a responsabilidade de conduzir a igreja ao termo dêste trabalho posterior à Colecta do Outono, cuidadosamente estudado e sistematicamente prosseguido. Podeis fazer dêle um objectivo comercial especializado; mas por vosso meio pode converter-se ao contrário num real esforço para ganhar almas. Deveis insistir sôbre o que merece ser sublinhado, seguros da colaboração dos membros que vos designaram para o lugar que ocupais. Vossa obra é grande, e é hoje o momento favorável. Aproveitai-o e que muitas almas sejam ganhas para Cristo.

G. Butler

12 lugares onde se pode fazer trabalho pessoal

Ouvimos por vezes dizer a membros de igreja que gostariam de fazer trabalho missionário, se soubessem onde começar. O Novo Testamento apresenta para êsse efeito pelo menos doze sugestões tiradas da vida cotidiana.

1. *Em casa* — «Torna para tua casa e conta quão grandes coisas te fêz Deus». Luc., 8:39.

2. *No hotel ou na pensão* — Tendo chegado a Roma, Paulo prêgou o reino de Deus, e deu testemunho, «e muitos foram ter com êle à pousada». Actos, 28:23.

3. *Entre os muros da prisão* — Em prisão «Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam». Actos, 16:25.

4. *A cabeceira dos doentes* — «E aconteceu estar de cama enfermo de febres e disenteria o pai de Publio, que Paulo foi ver, e, havendo orado, pôs as mãos sôbre êle e o curou». Actos, 28:8.

5. *Nos parques e junto das fontes publicas* — Em Samaria, «junto da herdade que Jacob tinha dado a seu filho José», encontrava-se o «poço de Jacob». Foi neste lugar que Jesus demonstrou a importância e a repercussão de um sermão prêgado a um único ouvinte. João, 4:5, 6,7.

6. *No barco* — Paulo dá testemunho do poder e da presença de Deus; exorta os passageiros e a equipagem tomados de pânico a cobrar coragem, porque a sua salvação lhes é assegurada. Actos, 27:21-26.

7. *Em viagem* — «Um etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava, e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te e ajunta-te a êsse carro... Filipe... lhe anunciou Jesus... e o baptizou». Actos, 8:27-38.

8. *No caminho* — «Iam dois dêles (discípulos) para uma aldeia, que distava de Jerusalém

sessenta estádios, cujo nome era Emaús, e iam falando entre si de tudo aquilo que tinha sucedido. E aconteceu que, indo êles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com êles... E... explicava-lhes o que dêle se achava em tôdas as Escrituras». Luc., 24:13, 15,27.

9. *Nos lugares publicos* — De passagem em Atenas, Paulo aproveitou a ocasião para denunciar o culto dos ídolos, e prêgar Cristo na sinagoga e na praça pública. Actos, 17:17.

10. *No escritório* — «E, passando, (Jesus) viu Levi, filho de Alfeu, sentado na alfândega, e disse-lhe: Segue-me. E, levantando-se, o seguiu». Marc., 2:14.

11. *Em reuniões sociais* — «Fizeram-se umas bodas em Caná da Galileia... e foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas.» Foi ali que Jesus começou os seus milagres, «e manifestou a sua glória». João, 2:1, 2,11.

12. *Por tôda a parte* — «Os que andavam dispersos iam por tôda a parte, anunciando a palavra». Actos, 8:4.

Por êstes diferentes exemplos, a Escritura ensina claramente que o cristão deve «revelar aos homens o evangelho da sua salvação. Tudo que empreendemos na vida deve ser um meio de o realizar». (*Ministry of Healing*).

Um dia, um grupo de estudantes em teologia fêz a D. L. Moody a seguinte pergunta: «De que maneira começaremos o trabalho pessoal?» Ao que o grande evangelista respondeu: «Ide para êle». O lugar onde é preciso começar, é o lugar onde se abrir a primeira porta. Fazei o que está perto de vós, e encontrareis em seguida outras possibilidades. «Vamos ao nosso trabalho» e «perseveremos nele». «Insisti em tôda a ocasião favorável ou não», «estando sempre preparados para responder a qualquer que pedir a razão da esperança que há em vós».

AINDA A CAMPANHA DO OUTONO

(Conclusão)

sistível. Dirigentes, homens de Estado, personagens que ocupam lugares de confiança e de autoridade, homens e mulheres que reflectem, oriundos de tôdas as classes, todos se inclinam com atenção sôbre os acontecimentos em cujo turbilhão somos arrastados. Vigiam as relações que existem entre os povos. Observam a decrepitude que penetra todo o elemento terrestre, e reconhecem que alguma coisa de grande, de

decisivo, vai surgir, e que o mundo está no limiar de uma crise tremenda.» (*Prophets and Kings*, p. 537).

Que Deus ajude cada crente a ser um verdadeiro ganhador de almas, um «pescador» ou um «caçador» no seio de uma humanidade imersa nas trevas, perdida, sem esperança.

A. B.

O tempo em que vivemos demanda fé e coragem

Num tempo como o nosso em que o mundo está cheio de ódio, violência, guerra e confusão; em que as dificuldades se levantam como montanhas e estão desfalecendo os mais firmes de coração, o povo de Deus pode ser tentado a abrir caminho a sentimentos de fraqueza e desânimo.

Mas, irmãos e irmãs, «Agora não é tempo para lamentações e desespero, nem tempo para nos sujeitarmos à dúvida e à descrença. Cristo agora não é um Salvador encerrado na sepultura de José, fechada com uma grande pedra, e selada com o sêlo romano; temos um Salvador ressuscitado. Ele é o Rei, o Senhor dos exércitos; está sentado entre os querubins; e no meio das dissenções e tumultos das nações, Ele continua ainda guardando o Seu povo. Aquele que governa nos céus é o nosso Salvador. Ele vigia o fogo na fornalha que há-de provar cada alma. Quando as fortalezas dos reis houverem de ser derrubadas, quando as setas da ira de Deus houverem de atravessar os corações dos seus inimigos, o seu povo será salvo nas suas mãos.» — *Testimonies*, Vol. 5, p. 754.

Este é um tempo que demanda fé e coragem. É em tempo de crise que nós devemos ser bravos e fortes. Hoje, como nunca, devemos voltar-nos para Deus e permitir que Ele encha as nossas almas com força e confiança. Se olharmos para as ondas que se encapela a nossos pés desfalecermos e afundar-nos-emos; mas se conservarmos constantemente fixos os nossos olhares sobre Aquele que é o Senhor do mar, terra e céu, e «que tem debaixo de seu poder tanto o destino das nações, como o que diz respeito à sua igreja» (*Test.*, vol. 5, p. 753), seremos calmos, corajosos e fortes. Até nós, que estamos vivendo no meio das trevas, confusão e angústia destes tempos maus vem do trono do universo a consoladora mensagem: «Esforça-te e tem bom ânimo; não pases nem te espantes: porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares.» (Josué 1:9).

É também um tempo para a acção. Hoje, em que tantos corações estão cheios de tristeza e desespero, devemos levar-lhes a divina mensagem de esperança e salvação. Hoje, em que os acontecimentos que se observam à nossa volta proclamam bem alto que o fim de todas as coisas está às portas, devemos apressar-nos para concluir a grande tarefa que Deus confluou às nossas mãos. Hoje mesmo devemos levantar os nossos olhos e presenciar de novo as ignorantes e pecaminosas multidões do mundo que vagueiam nas trevas do pecado. À luz da

cruz, olhemos para elas, até que os nossos corações sejam movidos de compaixão, como foi o Seu, e sejamos despertados a trabalhar para sua salvação!

Sabemos que os acontecimentos recentes sobre os quais não temos poder algum transtornaram muitos de nossos planos e dispersaram as nossas forças. Mas isto não é motivo para a inacção. Quando a igreja apostólica atravessava uma forte perseguição «e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e da Samaria», lemos que «iam por toda a parte anunciando a palavra», resultando daí uma poderosa obra. Se nós como povo, obreiros e membros, estivermos imbuídos pelo mesmo espírito, encontraremos caminhos e meios para continuar a obra de Deus para salvação das almas, sem olharmos para quão longe podemos ter sido dispersos. Se alguém deseja ser um verdadeiro obreiro missionário onde quer que esteja, Deus abençoará e fará prosperar o Seu povo e a Sua causa. Por causa da dor e angústia que veio sobre a terra, muitos chegaram à conclusão da vaidade de todas as coisas terrenas. Estão desejando algo de melhor, algo de mais duradouro e certo do que as coisas que este mundo tem para oferecer. Se quisermos levar a divina mensagem de amor e de salvação a estas almas, encontraremos os seus corações mais dispostos do que nunca.

Trabalhando em favor dos que estão à volta de nós, não esqueçamos os nossos campos missionários distantes, onde os missionários que nós enviámos das nossas igrejas estão trabalhando para Deus. Foi já realizada uma esplêndida obra nesses campos, mas muito mais resta ainda por fazer. Apreciamos grandemente o sacrifício da parte do nosso povo que tornou possível realizar o que tem sido feito. Não obstante os tempos difíceis, sentimos a certeza de que o nosso povo nos países europeus não relaxou os seus esforços a favor dos campos missionários. Os nossos missionários devem ser auxiliados onde se encontram. Chamá los agora para a metrópole é impossível.

Uma das principais fontes de receita para os campos missionários é a Campanha do Outono. Devido às condições actuais, a Colecta talvez seja mais difícil em muitos lugares do que nos anos anteriores. Nem por isso devemos abandonar a campanha. Com o auxílio de Deus, havemos de encontrar meios de obter os fundos necessários para a manutenção de nossos missionários e de seus campos de trabalho. Se fizermos a nossa parte, fielmente e bem, Deus coroará os nossos esforços com sucesso. Pros-

(Conclusão na pág. 10)

A PONTUAÇÃO

(Continuação do segundo número)

Como vimos, é pelo abuso da pontuação, pelo emprêgo anti-escriturístico de uma vírgula, pela divisão mal feita de uma frase das mais claras e das mais simples de compreender, que se quer, a todo o preço, achar um ponto de apoio, um fundamento, para a doutrina pagã da sobrevivência do espírito ao corpo.

Mas também se agarram à palavra «hoje» e dizem-nos: «A que propósito vinha esta palavra hoje na boca de Jesus se não se tratava de uma acção que se devia realizar nêsse próprio dia?» A esta nova argumentação é fácil responder que tal linguagem é corrente na Bíblia e que expressões idênticas se encontram noutros textos antigos, e até mesmo nos escritos do nosso tempo.

Se o Senhor Jesus disse «Eu te digo hoje. . .» é porque há uma razão muito natural, lógica, que o levou a exprimir-se nesses termos. «Eu te digo hoje, a ti, que creias na salvação que te dou, neste momento em que tudo parece confundir-me com o mais baixo dos mortais, hoje em que os homens me rodeiam com o seu desprezo, hoje, neste mesmo momento em que a dúvida se infiltra no coração de alguns de meus discipulos, hoje, nesta hora de agonia em que tudo me leva a exclamar: Eli, Eli, lama sabachthani! isto é: meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? — pois que crês na salvação que te ofereço neste momento, pois que me pedas que me lembre de ti quando estabelecer o meu reino, *Eu te dou a certeza hoje*, que quando estabelecer êste reino tu estarás comigo no Paraíso».

Eis o sentido lógico que ressalta, claro como nascente de uma rocha, dêste texto. É preciso ter o espírito obtuso para lhe dar outro; é preciso preferir a fábula pagã à luz da Palavra divina para lhe dar o sentido que se atribue a esta simples palavra «Hoje».

Uma expressão idêntica se encontra na boca da filha do Faraó do Egipto, a princesa Temustis. No livro de Deuterónimo, capítulo 30 e versículo 18, Moisés transmite às doze tribus de Israel, das quais é o condutor, as ordens de Deus e usa a linguagem seguinte: «Se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos, e fôres seduzido para te inclinares a outros deuses, e os servires, então *eu vos denuncio hoje* que certamente parecereis. . .» Que o tradutor leve a sua fantasia a pôr uma vírgula depois das palavras «eu vos denuncio. . .» e imediatamente fará uma carnificina nestas 12 tribus, e nem um só Hebreu. ficará com vida!

Alguns séculos depois de Moisés, quando os Israelitas estavam cativos em Babilónia, Deus falou-lhes pela bôca do profeta Zacarias: «Voltai à fortaleza, ó presos de esperança: *também hoje vos anuncio* que vos recompensarei em dôbro». (Zacarias 9:12).

Os cativos de Babilónia não deviam ser recompensados naquele mesmo dia, mas era-lhes feita a promessa naquele dia! Outrotanto se deu com a promessa feita ao malfeitor sôbre a cruz, e por isso, temos a mesma expressão.

Mas os nossos controversistas endurecidos, inchados com a sua própria suficiência, que lhes faz ver os outros como simples formigas minúsculas, esquecem-se de analisar os textos que empregam no material de construção de suas teorias doutrinarias. Seja-nos permitido chamá-los, ainda que por um só instante, à realidade dos factos, ou seja, à realidade dos textos sagrados. Foi numa sexta-feira que o nosso adorável Salvador e os dois ladrões foram crucificados, não é verdade? Estas crucifixões tiveram lugar entre as 6 e as 9 horas, quere dizer, entre as 12 e as 15 horas. Foi pois pelas 15 horas, alguns instantes antes de Jesus expirar, que teve lugar o diálogo relatado por S. Lucas. Jesus morreu, numa tarde, e isto é um facto incontestavel. Mas os dois malfeitores terão morrido neste mesmo dia, nesta sexta-feira? Eis o que se esqueceram de averiguar os nossos controversistas.

Nenhum teólogo ignora que os dias da Escritura Sagrada são contados do pôr ao pôr do sol. (Vid. Deuteonómio 23:32). E sendo assim, para que o último suspiro de Cristo e do ladrão tenham tido lugar durante o «hoje de sexta-feira» era preciso que tanto o malfeitor como o filho de Maria tivessem morrido antes do pôr do sol.

Analise o texto. No Evangelho de S. João lemos: «Os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz. . . rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem a pernas, e fôsem tirados. Foram pois os soldados, e na verdade, quêbraram as pernas ao primeiro, e ao outro que com êle fôra crucificado; mas vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas. . .» (João 19:31-33).

No momento em que o sabado ia começar, nomento pois em que finalizava a sexta-feira, nesse «hoje» do diálogo, os dois ladrões não tinham ainda morrido! Quebraram-lhes as pernas para os descer da cruz. Ora esta acção de

(Conclusão na pág. 9)

Departamento da Escola Sabatina

A arte de interrogar

O ensino na escola sabatina não deve comportar exposições, ou desenvolvimentos, senão de uma maneira excepcional. A lição não é um monólogo que o monitor dirige aos seus alunos. Um estudo vivo comporta, ao lado das explicações, um grande número de perguntas.

As perguntas que se fazem em classe visam dois fins diferentes. Certas perguntas permitem ao monitor certificar-se de que o aluno compreendeu a sua lição, que a estudou. Seria um erro, todavia, considerar a meia hora que se passa nas classes como destinada a verificar os conhecimentos dos membros da escola sabatina. Interrogar é muito mais do que verificar; é uma conversação, um diálogo que se estabelece entre o monitor e seus alunos. Uma classe desta sorte será necessariamente viva, animada, interessante.

Clareza

As perguntas feitas devem em primeiro lugar ser claras. Para isso, é preciso que os seus termos sejam perfeitamente compreendidos, e que se encandeiem lógica e simplesmente.

Precisão

As perguntas devem também ser precisas a-fim-de que o aluno compreenda bem o que se espera dêle. Devem-se evitar as perguntas vagas, de duplo sentido, e as que comportam várias respostas de que se não sabe qual satisfará o monitor.

Límites

Além disso, as perguntas devem ser limitadas. Se se pergunta a um aluno: Que é o plano da rendenção? ou ainda: Onde estão os mortos? ou: Que sabe do milênio?, fazem-se-lhe perguntas claras, precisas, mas infinitamente vastas. Se forem feitas a um aluno muito instruído ou falador, êste tomará bem todo o tempo da lição para responder. Contudo não é necessário que a pergunta seja limitada em extremo, como vamos ver em breve, porque convém que o aluno dispenda um certo esforço e responda ao menos com uma frase.

Ligação

Será necessário acrescentar que as perguntas devem ser ligadas entre si? Devem encadear-se logicamente e dar ao aluno a certeza de que é conduzido passo a passo para uma conclusão. Se se trata de perguntas relativas a uma série de acontecimentos, convém fazê-las

seguindo a ordem cronológica. Que se pensaria de um professor de escola que interrogasse ao acaso sobre a Revolução francesa, depois sobre os imperadores romanos, depois sobre a grande guerra, etc., e que misturasse todos os povos e tôdas as épocas! Há professores que assim fazem, desejando que seus alunos possam responder prontamente a tôda e qualquer pergunta. É um erro pedagógico, porque os conhecimentos a que se faz apêlo quando se formula uma pergunta apoiam-se sobre a propriedade que têm as idéias de se associar entre si de uma maneira lógica. A memória é grandemente auxiliada por estas associações, porque uma idéia atrai a idéia vizinha no campo da consciência e assim sucessivamente. Interromper ou baralhar esta ordem, é entrar a memória e encorajar o estudo verbal da lição, como aquêle padre que fazia recitar o catecismo começando pela última pergunta para ter a certeza de que o sabiam bem a fundo. Por outro lado, se as perguntas forem feitas ao acaso, e sem ordem, como será possível chegar a uma conclusão? Como se poderá depreender da lição o ensinamento essencial que ela comporta?

Interrogai tôda a classe

Enfim, é necessário que as perguntas se dirijam a todos os alunos. Estamos aqui mais uma vez em presença do problema pedagógico essencial: o da atenção. Se se designar de antemão a pessoa que deve responder, os outros alunos não se sentirão obrigados a escutar nem a fazer esforço para responder. Fazei primeiro a pergunta, esperai dois ou três segundos, e depois designai a pessoa que deve responder. Assim, todos os alunos ouviram, todos começaram a fazer o esforço intelectual necessário para responder, todos participaram mais ou menos na elaboração mental de uma resposta que um só deverá formular. Para variar e favorecer as iniciativas pessoais, pode fazer-se a pergunta e ajuntar simplesmente: Quem quer responder? ou: Quem sabe? ou: Quem nos quer dizer? É por vezes vantajoso submeter assim tôda a classe as perguntas que exigem mais reflexão ou experiência. Podem-se reservar para os alunos menos dotados ou mais novos na verdade as perguntas mais fáceis.

Erros a evitar

Evitai fazer perguntas cuja resposta seja evidente. Por exemplo, não digais: Judas fez mal em trair seu Mestre? Salta aos olhos que fez

mal! Mesmo a crianças, não convém fazer perguntas dêste género. Habitua-os em breve a ser tão lacónicos como o presidente Coolidge. Êste, tendo assistido a um sermão, perguntou-lhe sua esposa, quando êle regressou à Casa Branca :

- Então, gostaste do sermão?
- Sim, gostei muito.
- De que falou o pastor?
- Falou sobre o pecado.
- Ah! E que disse do pecado?
- Era contra!

Não se podia ser mais lacónico.

Sim e não

No mesmo sentido, evitai as perguntas que comportem a simples resposta «sim» ou «não». Interrogai de tal sorte que os alunos sejam obrigados a formular ao menos uma frase completa. As respostas limitadas à afirmação ou à negação deixam a classe mais ou menos adormecida e não exigem esforço de concentração intelectual, de reflexão, de raciocínio, de memória que deviam ser impostos em tal exercício.

Respostas fragmentadas

Evitai também, quando fazeis uma pergunta começar a dar a resposta. Por exemplo :

- Donde era originário Abraão?

Silêncio. Os alunos não se recordam. Então o monitor começa a resposta :

- Da Meso...
- ...potâmia, dizem eles em côro.

Ou ainda :

— Podem citar-me o nome de uma senhora que auxiliava Jesus com os seus bens?

Os alunos ficam embaraçados. O monitor vem em seu socorro :

- Por exemplo Suz...
- ...ana, exclamam êles.

Se verdadeiramente os alunos não podem responder, respondi por êles até ao fim, simplesmente. Se não dais senão metade da resposta, os alunos ficaram bastante vaidosos por ter fornecido a outra. Ficarão com a impressão de ter sabido mais ou menos a sua lição. Doravante talvez fiquem a contar convosco e esperarão o começo da resposta, certos de encontrar o fim sem esforço. Se respondeis inteiramente, fazeis lhes sentir que havia uma lacuna nos seus conhecimentos, lacuna que terão interesse em preencher.

Respostas repetidas

Assinalemos também uma mania que têm por vezes os monitores e que consiste em repetir as respostas que lhes são feitas. É verdade que esta maneira de agir se justifica às

vezes pelo facto de que o aluno respondeu em voz baixa demais para ser ouvida em toda a classe. Mas seria melhor, de preferência a repetir palavra por palavra a resposta, pedir ao aluno que fale um pouco mais alto voltando-se ligeiramente para os outros membros da classe, ou então repetir sua resposta, mas duma maneira voluntária dizendo por exemplo : «O irmão X. diz que...»

Respostas pessoais

Não exijais uma resposta que seja decalcada sobre o texto bíblico. Sem dúvida, se o aluno puder servir-se dos próprios termos da Bíblia, tanto melhor. Permitti porém aos alunos que digam as coisas por suas palavras. Eles têm uma personalidade que é necessário respeitar. Têm uma certa maneira de compreender e de dizer as coisas. Permitti pois que empreguem os seus próprios termos e não sempre a palavra bíblica nem sobretudo a da nota do questionário. As respostas pessoais serão para vós a prova de que o aluno compreendeu a sua lição e que a sabe de uma maneira diferente da do papagaio.

Evitai também fazer unicamente as perguntas contidas no trimensário da escola sabatina. Certos alunos têm o habito de escrever a resposta ao lado da pergunta e podem passar por brilhantes. Perguntas inesperadas porão melhor em evidencia as suas qualidades pessoais e levá-los-ão a um estudo inteligente da lição. Procurai todavia que as vossas perguntas, ainda que diferentes das do questionário, sejam baseadas sobre o texto bíblico estudado. Os vossos alunos aprenderão assim a olhar de mais perto para os próprios termos dos versículos da lição.

Utilização das respostas

Não deixeis de utilizar, sem excepção, todas as respostas que vos são feitas. Sim, mesmo as respostas inexactas. Os alunos de uma classe de escola sabatina têm um certo amor próprio, uma certa susceptibilidade natural; se se enganam e se dizem com um tom brusco : «Não é assim», sentem-se feridos e desanimados. O aluno julgou fazer bem e a prova é que êle respondeu. Se tivesse pensado que iria dizer uma patacuada, com certeza ter-se-ia absterido. Não lhe tireis brutalmente esta deliciosa ilusão. Procurai ver na sua resposta o que pode ser justo. Encontra-se nela seguramente uma parcela de verdade. Utilizai essa pequenina luz e pedi a outro aluno que vos esclareça mais. Assim, a pessoa que não tiver respondido exactamente experimentará da mesma maneira o sentimento de ter feito qualquer coisa e sentir-se-á animada.

Perguntas gerais, ou recapitulação

É uma tarefa muito delicada a de recapitular a lição precedente fazendo perguntas. Em primeiro lugar, a pessoa encarregada de dirigir êste exercício deve lutar contra a tendência de fazer uma simples exposição. Nada mais fastidioso do que estas recapitulações reduzidas a um monólogo. Isto é devido ao facto de não saber interrogar e também à timidez natural de grande número de alunos. Há alunos que se escondem atrás das colunas da capela ou do chapéu da irmã que está sentada diante dêles para não serem interrogados. Há-os até que renunciam a vir simplesmente à escola sabatina para não ser chamados. Então, em vez de recapitular, «capitula-se» e deixa-se ir a não interrogar, ou a não fazer senão perguntas verdadeiramente «gerais», dirigidas a todos, isto é a ninguém. Será difícil reagir contra tal hábito, uma vez estabelecido. Nunca serão demasiados os esforços para o combater. Nada, com efeito, favorece mais o relaxamento, na escola sabatina, do que a doce quietude com que se assiste à recapitulação, em abandono nesta confortável inacção.

O ideal seria fazer perguntas tão simples, tão atraentes, tão bem ligadas às precedentes, que os alunos tomassem prazer em responder sem ser solicitados.

Será útil o esforço para obter êste resultado. Por vezes, em vez de deixar responder toda a assembleia, pode pedir-se uma resposta nos bancos da direita ou da esquerda, ou ao fundo, sem nomear ninguém. Mas para manter a atenção, designai por vezes um aluno pelo seu nome, sobretudo se sabeis que a pessoa deve poder responder. Se proscreveis absolutamente tôda a pergunta embaraçante, há muitas probabilidades para que a recapitulação seja viva, proveitosa e bem acolhida.

Não podemos acrescentar muito a êstes breves princípios. A arte de interrogar aprende-se interrogando. Na realidade, não há processos que permitam fazer um bom monitor. Mas um cristão sincero, convicto, capaz de reflexão, cheio de amor de Deus e ardentemente desejoso de fazer bem a seu próximo será sempre um bom monitor: . . . Suas disposições interiores, seu ideal elevado, o Espírito Santo no seu coração, inspirar-lhe-ão o que deve fazer e as palavras virão facilmente para dizer o que trasborda do seu coração. E é daí que tirará a sua facilidade sobretudo se preparou a lição a fundo. Diante dos seus alunos, com as mãos vazias, mas o coração cheio e a inteligência desperta, êle conseguirá encontrar o caminho dos corações e fazer penetrar a semente cujos grãos frutificarão cento por um.

M. Tièche

Dia da Escola Sabatina

21 de Setembro de 1940

Aos membros dirigentes :

Quantas surpresas não houve desde o Dia da Escola Sabatina do último ano! Os acontecimentos precipitam-se. O mundo marcha rapidamente para o seu fim.

Em tudo isto, devemos ouvir a voz de Deus que nos fala, e que nos convida a prepararmos para ir ao seu encontro. A Escola Sabatina é chamada a desempenhar um papel importante nesta obra de preparação. Urge pois trabalhar activamente e sem desfalecimento em seu favor, para que ela realize plenamente a sua tarefa, nas melhores condições possíveis e para o bem de todos os membros de nossas igrejas, da juventude e das crianças. Tome-mos pois a peito a nossa tarefa e realizemo-la sob os olhares de Deus, com amor e consagração, e a Escola Sabatina será assim verdadeiramente um meio poderoso para salvar almas.

Nada negligenciemos na preparação do Dia da Escola Sabatina de 21 de Setembro. Preparemo-lo desde já. Que se ocupe dêle o Conselho da Escola Sabatina. Indicai a cada um a parte que terá a desempenhar. Fazei dêle um assunto de oração. Por um trabalho pessoal, preparemos o terreno por tôda a parte onde há desânimo, desfalecimento, a-fim-de que êste dia especial obtenha um sucesso pleno. Êle deveria ser um meio eficaz para aumentar o número de membros de nossas escolas a elas trazendo muitos que ainda não fazem parte. Urgiria também encorajar o estudo cotidiano.

Se fizermos o necessário como preparação para o Dia da Escola do Sábado, êle terá um sucesso sem precedentes. Os tempos actuais exigem que assim seja. Que Deus nos ajude a desempenhar-nos fielmente desta abençoada tarefa.

*Departamento da Escola Sabatina
Divisão Sul-Europeia*

Há-de haver um tempo de angústia qual nunca houve, desde que houve nação. Nossa obra é estudar como extirpar de todos os nossos discursos tudo o que cheire a vingança e desafio e a ataques contra igrejas e individuos, porque não é esta a maneira e o método de Cristo. (*Testemunhos Selectos*, vol. V, pág. 289).

Departamento da Colportagem

O Colportor, um Obreiro Evangélico

«O Colportor inteligente, temente a Deus e amante da verdade, deve ser respeitado, porque ocupa uma posição igual à do ministro evangélico. Muitos dos nossos ministros jovens e dos que se estão preparando para o ministério fariam, se verdadeiramente convertidos, muito bem trabalhando no campo da colportagem. E aproximando-se do povo e apresentando-lhes as nossas publicações, ganhariam uma experiência que não podem obter prégando, simplesmente. Ao irem de casa em casa, poderiam conversar com as pessoas, levando-lhes a fragrância da vida de Cristo. Em assim se esforçando para abençoar outros, abençoar-se-iam a si mesmos; obteriam uma experiência na fé; o seu conhecimento das Escrituras aumentaria grandemente; e estariam constantemente aprendendo como ganhar almas para Cristo.» (*O Colportor Evangelista*, pág. 17).

A maior parte dos colportores faz do seu trabalho um modo de ganhar a vida, exclusivamente, esquecendo-se do principal objectivo da sua missão — ganhar almas para Cristo — motivo porque muitos fracassam. Quantas vezes encontram almas curiosas ou interessadas, e descuram êsse interêsse. Outras vezes, escrevem-lhes particularmente, até que se aborrecem ou se esquecem, sem darem conhecimento dêsse interêsse à Sociedade Missionária, que foi organizada para tal fim. Acontece, quási sempre, que as pessoas ficam de novo mergulhadas nas trevas, mas cheias de ansiedade e curiosidade, e grandes vezes de desespero. Desejamos que cada colportor medite na responsabilidade que representa uma tal indiferença. Deve canalizar êsse interêsse ao centro missionário mais próximo, ou directamente à Direcção da Colportagem. O colportor não pode cuidar do interêsse que vai deixando atrás de si, porque vai tendo sempre novas oportunidades, às quais tem de prestar tôda a sua atenção e assistência, bem como não terá possibilidades de gastar selos ou enviar literatura.

Alguns irmãos colportores têm-se esforçado por seguir as indicações que sempre lhes damos neste e noutros sentidos, e apraz-nos registrar que são os que o Senhor mais abençoa no seu trabalho, pois vão-se mantendo mais ou menos equilibrados, como resultado da sua fidelidade. Com um pouco mais de boa vontade e dedicação, farão um trabalho perfeito, podendo colher muito melhores resultados.

Há outros, porém, que até deixam a impressão de fazerem de propósito por não cumprir

tais indicações. Êstes, coitados, estão sempre rodeados das mais tremendas dificuldades, tornando-se um grande problema e um grande fardo para a Causa de Deus. Aconselhamos a tais colportores, se querem ser bem sucedidos neste ou noutro qualquer ramo da obra, que sigam o exemplo citado dos seus companheiros, procurando ser fiéis no mínimo, para serem depois fiéis no máximo e receberem o galardão.

Na mesma proporção em que as dificuldades aumentam, deve aumentar a nossa fidelidade aos princípios que nos propusemos seguir, em-lugar de estacionar ou diminuir. Só assim conseguiremos vencer.

Com os votos mais sinceros por uma vida vitoriosa, firmo-me vosso conservo no Senhor,

J. S. Grave

A PONTUAÇÃO

(Continuação da pág. 4)

quebrar as pernas tinha por móbil duas razões. A primeira era para impedir os condenados de fugir depois de terem descido da cruz; a segunda, era para activar a morte. Mas sabemos que se as tíbias e os peroneos quebrados, e não cuidados por um cirurgião, activam e produzem a morte, sabemos também que longas horas e mesmo dias de triste agonia se podem arrastar antes que a morte venha pôr fim à vida de seus pobres mutilados.

Os malfeteiros não morreram na sexta-feira, eis o que é um facto. Terá sido no sábado e a que hora? Terá sido no domingo seguinte ou na segunda que êles deram o último suspiro? A Escritura é muda sôbre o caso e não importa.

Mas não é muda para nos fazer conhecer a impossibilidade da morte dos dois ladrões na sexta-feira, e sendo assim não morreram no mesmo dia em que o Senhor, sexta-feira, antes que terminasse o «hoje, argumento que se torna falaz para os que dêle se querem servir.

O desprendimento, na sexta-feira, do espírito, ou da alma, para o Paraíso, como querem tantas pessoas, é materialmente impossível.

(Continua)

Dr. A. J. Girou

É interdita a reprodução parcial dêste artigo. Devemos, talvez, explicar aos leitores a razão que motiva a nossa interdição de reprodução parcial... Temos encontrado no passado, no nosso caminho, controversistas cuja qualidade predominante não era o escrúpulo, e que tirando uma frase do seu contexto e enquadrando a com as suas observações nos faziam dizer coisas que não dizíamos, e que por vezes eram justamente opostas às nossas convicções religiosas.

Sôbre o uso dos copos na Santa Ceia

De vez em quando têm-me preguntado se a Irmã White se exprimiu alguma vez por escrito ou de outra sorte a respeito do uso do copo individual para a comunhão, ou se ela própria alguma vez o usou. Para estar habilitado a dar uma resposta tão completa e cabal quanto possível a estas perguntas, submeti-as por escrito há alguns meses ao Ir. Artur L. White, o actual guarda dos manuscritos e maços de cartas da Ir. Elena G. White, que estão agora guardados nos subterrâneos do edificio da administração da Conferência Geral em Washington, D. C.

Em resposta, o Irmão White escreveu-me, em 22 de Abril de 1940: «A Irmã White nada escreveu a respeito dêste assunto, mas temos nos nossos maços um grande número de comunicações escritas por meu pai relativas ao caso, e vou copiar quatro parágrafos de uma carta que êle escreveu em 9 de Dezembro de 1929».

Antes de citar êstes quatro parágrafos aqui, desejo dizer que o pai de Artur, William G. White, era filho da Irmã E. G. White. Trabalhou com sua mãe até à altura da sua morte em 1915. Desde então até que morreu em 1937, foi o guarda de tôdas as suas cartas e manuscritos. Por isso, êle estava em melhores condições para saber o que a Irmã White tinha escrito sôbre diferentes assuntos, e mais familiarizado com as suas atitudes e práticas, do que qualquer outro poderia ter estado. Eis os quatro parágrafos da sua carta de 9 de Dezembro de 1929:

«Recordo-me muito bem que êste assunto (o do copo individual para a comunhão) foi trazido à atenção da Ir. White por várias vezes de 1909 a 1914.

«Em resposta às perguntas submetidas à Ir. White respeitantes à limpeza e vantagem de usar o copo individual na comunhão, a Ir. White deu a resposta uniforme, de que o assunto não era de carácter a levantar controvérsia em nenhuma igreja. Se uma igreja era unânime no seu desejo de usar o cálix comum, e se os seus membros compreendiam o risco para a saúde em assim fazer, tinham o privilégio de seguir as suas preferências.

«Por outro lado, se a uma igreja parecesse aconselhável usar o copo individual, ninguém julgasse que era um êrro. Além disso, ela afirmava que considerando as condições sanitárias que nos rodeiam nêstes últimos tempos, julgava muito mais conveniente pôr em prática o uso do copo individual. Isto mesmo fazia ela quando assistia a algum serviço onde o uso do copo

individual tinha sido adoptado pela congregação.

«Em vista do facto de que a Ir. White recebeu muita luz a respeito da ceia do Senhor como foi celebrada por Cristo e pelos Seus discípulos, em vista do facto de que ela escreveu muito relativamente à celebração da ceia do Senhor pelo Seu povo nestes últimos dias, referindo-se a quasi tôdas as fases espirituais em que devíamos estar quando tomamos parte nessa cerimónia, e em consideração pelo facto de que em nenhum dos seus livros, e em nenhum dos seus sermões, nunca afirmou que no serviço da comunhão era aconselhável usar o cálix comum, em vista destas circunstâncias e do facto de que ela deu sanção ao uso do copo individual, e de que ela mesma o usou, há, parece-me, abundância de evidência para que nos sintamos perfeitamente livres para usar o método que seja mais favorável para evitar a transmissão de doenças».

Por esta carta vemos claramente que a Ir. White favoreceu o uso do copo individual para a comunhão como medida de protecção contra doenças transmissíveis, e que ela mesma o usava quando assistia a cerimónias de comunhão onde o copo individual tinha sido adoptado pela congregação.

Antes de a Irmã White falecer, este sistema foi adoptado por grande número de nossas igrejas na América, e noutros países. Hoje a grande maioria das nossas igrejas através de todo o mundo estão usando o copo individual, e cremos que seria bom que todas as igrejas assim fizessem. Nestes tempos, em que tantos se encontraram atingidos por doenças contagiosas, é de toda a justiça que façamos o possível para evitar a transmissão destas doenças de uns a outros.

A. V. Olson

O tempo em que vivemos demanda fé e coragem

(Conclusão)

sigamos assim com fôrça e coragem no serviço de Deus e de nossos semelhantes!

Êste tempo não demanda só firme coragem, e entusiástica acção; é também um tempo de oração. Nestes tempos maus em que as nossas almas são provadas, necessitamos de viver em constante comunhão com Deus. Mais do que nunca necessitamos de fôrça e guia espirituais. E estas só podem ser obtidas pela viva comunhão com o céu. Se desejarmos vencer na luta contra os poderes do mal, temos de andar com Deus. Se desejarmos ser homens e mulheres fortes no serviço do nosso Mestre, temos de ser homens e mulheres de oração. Com os discípulos de outrora, necessitamos de dizer, «Senhor ensina-nos a orar».

A. V. Olson

Polemistas sim! Mas honestos!

(CONTINUAÇÃO)

Para que nossos leitores possam avaliar as inépcias publicadas contra os Adventistas no *Portugal Novo* pela pena do Sr. A. C. Nogueira, julgamos útil reproduzir aqui a resposta que foi remetida à Direcção dêsse bimensal, em 25 de Outubro de 1939. Esta carta, escrita pelo abaixo-assinado, espera ainda duas linhas acusando a recepção, donde posso concluir que a polidez portuguesa, que conheço ser tão polida como a de qualquer outro país, não parece ter encontrado ingresso na cultura da Direcção do *Portugal Novo*.

Mas, como ficou mencionado em nosso artigo precedente, apareceu uma longa dissertação no dito periódico em 16 de Novembro último; irão talvez dizer que é justamente ali que acusam a recepção! Não vamos voltar a falar dêsse artigo, a não ser para mencionar o seu P. S., que diz aos leitores: «Logo que termine a publicação do folhetim *Martinho Lutero*, para devido conhecimento e instrução dos nossos leitores, começaremos a publicar o útil e interessante livro *Sabatismo Desmascarado*, que elucida cabalmente acêrca dos erros de uma religião que está detupando o sentido e a verdade do Evangelho.»

Não é mal apanhado! Promete-se aos leitores um lindo pedaço para que esqueçam, o mais de-prensa possível, que acabam de lhes servir calúnias! Dizemos simplesmente com o poeta Dryden, que traduzimos:

«A falsa lisonja não pode agradar
Nem a calúnia atemorizar
Senão aos viciosos e aos hipócritas!»

Eis a carta que enviámos à Direcção do *Portugal Novo*:

Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim de Figueiredo,
Director e Redactor do jornal *Portugal Novo*. — Lisboa.

Ex.^{mo} Sr.

No seu jornal, n.º 277 de 16 de Agôsto de 1939, e com a assinatura do Sr. António Costa Nogueira, apareceu um artigo com o título *Nós e Eles*, e nesse artigo é visada a Congregação Portuguesa Protestante dos Adventistas.

O autor faz ali declarações que consideramos injuriosas porque falsas. Que os Adven-

tistas não sejam simpáticos ao Sr. Nogueira, e mesmo ao Redactor do *Portugal Novo*, não é o que nos inquieta. Para nós, Adventistas, o essencial é amar a Deus sôbre tôdas as coisas, e ao nosso semelhante como queremos que nos ame, ainda que tal semelhante seja um membro da igreja Congregacionalista.

Se um amigo disse ou escreveu alguma coisa que desagradou ao Sr. Nogueira, e se êle quere responder-lhe, instruí-lo, educá-lo, que o faça mas sem molhar sua pena na tinta da calúnia, sem empregar a espada da mentira. Ora nós, Adventistas, sublinhamos com indignação as declarações seguintes que são difamatórias e que se encontram na primeira página, primeira coluna, a partir da linha 13: «Os adventistas, caríssimo, não são protestantes... não são nada. Uma religião que nega a imortalidade da alma, a eternidade do inferno, a trindade e a divindade de Cristo, nem agora nem nunca terá aceitação entre nós, que aceitamos todo o depósito da revelação.»

Os Adventistas não são protestantes — Em que autoridade se baseia o Sr. Nogueira para fazer tal declaração? É por acaso num reino por êle criado que se encontra a Faculdade que confere o título de protestante ou não protestante? Sempre julgámos, e julgamos ainda, com os poucos conhecimentos de filologia que temos, que o nome de *Protestante* pertence a tôdas as igrejas cristãs saídas da Reforma. Estaremos nós enganados e necessitaremos de recomeçar o estudo do A. B. C.? Os Adventistas são tão protestantes como os Luteranos, os Calvinistas, os Presbiterianos, os Baptistas, os Anglicanos, a Igreja Livre e tutti quanti.

Os Adventistas não são nada — Que é preciso, Sr. Nogueira, para ser alguma coisa? Em tôdas as partes do mundo, porque os Adventistas são — no sentido etimológico da palavra — os mais católicos cristãos, há 26.000 pastores, evangelistas e obreiros bíblicos, formando um exército de servos de Deus que deveríeis respeitar. Não são nada? Mas o seu orçamento de 1937 elevava-se, em números redondos, à pequena soma de 378.395.388\$00. Não são nada, mas os seus trabalhos conduzem anualmente aos pés da cruz de Cristo 35.000 a 45.000 almas. E permita o Sr. Nogueira, a um ministro de cabelos brancos, com 33 anos de vida missionária atrás de si, que

baptizou cerca de um milhar de almas, entre as quais se encontravam Hindus, Chineses, Muçulmanos, saídos directamente do paganismo, permita que lhe diga que essa obra não se realiza pelo simples poder humano. É preciso o poder do Espírito Santo.

Êles não são nada... mas ide vê-los ao centro da África, às Ilhas de Salomão entre as tribus canibais; ide vê-los em suas escolas, hospitais, dispensários, leprosas, sanatórios, e então podereis falar dêles. Percorrei a Austrália, e mostrar-se-vos-á uma fita de cinema, filmada por uma companhia qualquer, passada em África nas tribus em que a miséria física faz leito comum com a miséria moral, e lereis o subtítulo que deram a êsse film: *Esperando que os Adventistas venham limpá-los*, e compreendereis que fazemos, com o auxílio de Deus, alguma coisa. Eis o que sabem pessoas que não são evangélicas, pessoas do mundo, como é costume chamá-las.

Os Adventistas não são nada. Mas têm missionários que prêgam a salvação pela graça, pela cruz do Calvário, em mais de 371 línguas! Têm pôsto por escrito línguas que não possuam literatura; os evangelhos têm sido traduzidos por êles em novas línguas; são a única sociedade religiosa no mundo — excepto as sociedades bíblicas — que expede obras religiosas em wagons cheios e, só no ano de 1937, as vendas das publicações adventistas elevaram-se à soma respeitável de 121.985.432\$00. Não são nada?... Que é preciso para ser alguma coisa?

Mas ei-nos chegados ao ponto culminante das declarações do Sr. Nogueira: **Os Adventistas negam a Trindade e a divindade de Cristo...** O Sr. Nogueira não só engana os leitores do *Portugal Novo*, não só calunia os Adventistas, mas ultraja-os no que têm de mais sagrado, no seu Salvador, Jesus Cristo! Os Adventistas baptizam os que estão em idade de saber o que fazem e que pedem o baptismo. Baptizam, imergindo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Para êles, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, são *Elohim* desde toda a eternidade e por toda a eternidade. Os adventistas crêem e ensinam a inspiração total das Santas Escrituras; jugam, e disso receberam testemunho, ser os mais ortodoxos entre todas as denominações protestantes.

O Sr. Nogueira, que nos parece hábil no espírito da escolástica, quis vibrar um golpe fundo atribuindo-nos o exclusivismo da doutrina da *Imortalidade Condicional*. Sim, cremos que a vida está só em Cristo, mas o Sr. Nogueira comete um êrro grave, por ignorância ou por acinte, deixando supor que esta doutrina é exclusivamente adventista. Há mui-

tas outras igrejas protestantes, muitos outros ministros evangélicos, que como nós sustentam a *Imortalidade Condicional*. Antes de escrever, o Sr. Nogueira faria bem em ler as obras do reitor da Faculdade de Teologia Protestante de Lausana, o falecido Pétavel-Olliff. Antes de se pôr a caluniar o adventismo no *Portugal Novo* teria feito melhor em responder ao desafio lançado a todos os pastores de todas as denominações protestantes pelo pastor Pétavel-Olliff, para sustentar em nome das Santas Escrituras a *Natureza imortal da alma humana*. E se o nosso zeloso detractor tivesse querido esclarecer-se teria lido as obras publicadas pelos Srs. pastores Decopet, em França; Byse, na Bélgica; White, na Inglaterra; Aloísio Berthoud, na Suíça, êste último professor na Faculdade Protestante de Genebra, etc., etc... todos não Adventistas, e então teria sabido que se engana e engana os seus leitores.

Os outros e nós a-pesar do que possa escrever o autor de «Nós e Êles», não encontramos um só texto nas Escrituras, que fale de *almas imortais*. Sabemos que a palavra «alma» se encontra na Bíblia 873 vezes, e a palavra «espírito» 827 vezes, mas nunca essas palavras se encontram acompanhadas do qualificativo «imortal». Sabemos ainda que a palavra «imortal» se encontra na Bíblia 6 vezes apenas, e para nossa defesa indicamos a seguir as passagens em que êstes textos se acham: Romanos 2:6, 7; 1 Coríntios 15: 51 a 53; 1 Coríntios 15: 54; 1 Timóteo 1: 17; 1 Timóteo 6: 15; 2 Timóteo 1: 10.

O inferno?... O «tártaros» da mitologia grega e pagã, deixamo-lo para os que tem necessidade de um espantinho. Nós, com outros milhões de cristãos, falamos do amor de Deus, de nosso Pai que está no céu, e isso é bem mais digno, mais elevado no espírito cristão, mais em harmonia com as necessidades do coração dos filhos de Deus, mais escriturístico, do que falar-lhes de diabos com pontas, de forcados, grelhas, caldeirões, fumo espesso e urros dos condenados eternos.

Dr. A. J. Girou

Presidente da União Ibérica
das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

P. S. — Temos debaixo dos olhos uma carta dirigida pelo Sr. Nogueira a um de nossos amigos que tinha protestado à vista do que êle escrevia contra os Adventistas. Nessa carta esforça-se por justificar suas calúnias. Em nosso próximo artigo estudaremos os seus argumentos.

A. J. G.

Deverão baptizar-se as crianças ?

Muitas pessoas não formam um recto juizo sôbre a idade em que se pode pedir a uma criança a sua decisão. Consideram o baptismo como uma ordenança tão santa que pensam não poderem as crianças participar d'êle. Esta idéia foi também seguida em tempos antigos, quando muitos retardavam o baptismo para as proximidades da hora da morte, com temôr de poderem pecar depois de baptizados. Ambrósio teve de ser baptizado depois de haver sido eleito Bispo de Milão, no quarto século.

As seguintes afirmações do Espírito de profecia dão-nos algumas sugestões muito oportunas. Estamos perdendo milhares de jovens porque esperamos que êles resolvam todas as dificuldades antes de ser cristãos. Mas a Biblia diz-nos que sejamos cristãos primeiro, e que depois os problemas serão solucionados por Cristo. Confiamos que o estudo destas afirmações contribuirá para uma mudança na nossa obra e auxiliar-nos-á a colher a seara da nossa juventude, que agora está sendo ceifada pelo inimigo.

«Crianças de oito, dez, ou doze anos, têm idade suficiente para lhes falarmos da sua atitude pessoal para com a religião. Não ensineis as vossas crianças com referência a algum pe-

ríodo futuro, em que hajam de ter bastante idade para se arrepende e crer na verdade. Se forem convenientemente instruídas, as próprias crianças podem ter vistas muito correctas do seu estado de pecadores, e do caminho da salvação por meio de Cristo. Os ministros são geralmente demasiado indiferentes quanto à salvação das crianças, e não são tão pessoais como deviam ser». (*Test.*, vol. I, p. 400).

«Todos, desde a criança de seis anos para cima, deviam compreender que lhes é exigido que levem a sua parte nos fardos da vida... Jesus deseja que estas crianças se mantenham separadas das vaidades do mundo, deixem as seduções do pecado, e escolham o caminho da obediência humilde». (*Test.*, vol. 2, p. 700).

«Devia ser dada instrução religiosa às crianças desde os seus mais tenros anos... Quando é chegado o período mais feliz da sua vida, e elas em seus corações amam a Jesus e desejam ser baptizadas, tratai fielmente com elas... Depois de um trabalho fiel, se estiverdes certificados de que vossas crianças compreendem o significado da conversão e do baptismo, e estão verdadeiramente convertidas, sejam então baptizadas». (*Test.*, vol. 6, p. 94).

H. F. Brown

NOTICIAS DO CAMPO

Reunião dos Conselhos da União e da Conferência

Nos últimos dias de Agosto reuniram-se em Madrid os Conselhos da União e da Conferência Portuguesa. Para a *Revista Adventista* foram então redigidas as linhas que a seguir transcrevemos:

«União Portuguesa e Conferência Portuguesa.

«Na última semana do mês de Agosto teve lugar uma sessão dos dois Conselhos parcialmente representados para o exame dos assuntos mais urgentes que se prendem com o bom andamento da obra nos domínios destas duas organizações.

«Esta reunião foi feita sob a presidência do Ir. Circu. Uma excelente atmosfera espiritual e fraternal veio auxiliar o estudo de problemas árduos inerentes aos tempos perturbados que a Europa atravessa.

«Foram emitidos votos, que serão submetidos à atenção do Conselho da Divisão para que, pelos pareceres dos irmãos que, com nossos conselhos locais, têm a pesada responsabilidade da marcha para a frente na pregação da Mensagem de graça que a Palavra de Deus contém para esta geração, conheçamos novas vitórias espirituais.

«A promulgação das novas leis esclares tornando quasi impossivel para o momento presente a rea-

bertura de nossas instituições de ensino primário e secundário, foi decidido suspender provisoriamente estes dois cursos e comunicar com urgência o assunto ao departamento da educação da Conferência Geral, isto é, à Divisão Sul-Europeia.

«O Curso Bíblico continuará funcionando. O curso reabrirá logo que os passos indispensáveis tenham sido dados em colaboração com o departamento da educação da Conferência Geral. Não foi possível fixar a data de abertura do próximo curso, mas o Conselho espera que esta data possa ser conhecida num próximo futuro.

«Em vista do facto de ficar por estudar a data de abertura, o conselho exprimiu o desejo de que nossos jovens que fazem planos para seguir o Curso Bíblico, especialmente os que se encontram no campo como colportores, sejam admoestados a não se relaxarem no seu trabalho, mas que façam esforços perseverantes para realizar um trabalho com êxito, o que será a melhor recomendação para o curso que preparará os obreiros de amanhã.

«O Conselho diz a nossos prezados colportores: Continuai no vosso trabalho, o que o Senhor vos deu, até ao momento de serdes avisados. Estai certos de que orações numerosas sobem ao trono de Deus em favor dos mensageiros da página impressa.

«O Conselho deseja exprimir todo o seu reconhe-

cimento aos obreiros, anciãos, diáconos e todos os oficiais de igreja pelos seus trabalhos e colaboração. A nossos prezados irmãos de igreja dirigimos as mais cordeais saudações fraternas, e exprimimos-lhes o nosso reconhecimento pelo auxílio incansável que dão à obra tomando uma parte activa nos trabalhos espirituais e financeiros da Igreja do Senhor.

«Com fé e coragem, com abnegação e sacrifício queremos ir para a frente, com as mãos unidas às do nosso Divino Mestre.

Pelos dois Conselhos

O presidente da União, *A. G. Girou*
O secretário da União, *P. B. Ribeiro.*»

Conferência Portuguesa

Colmbra — Solenes e importantes são os dias em que vivemos. Os acontecimentos que transcorrem são sinais inequívocos de que se aproxima o termo de uma época, e outra muitíssimo mais gloriosa, está a ponto de raiar.

Há mais de dezanne séculos, Cristo anunciou várias profecias inconfundíveis nas quais mencionava certos grandes sucessos para que os homens da última geração compreendessem quando estaria próximo o estabelecimento do tão esperado reino de Deus na terra.

Assim o povo Adventista está esperando, e nesse espírito também os Conimbricenses. Mais do que nunca reconhece-se a proximidade do glorioso Advento do Rei dos reis, não só no meio dos nossos irmãos, como igualmente no dos nossos numerosos simpatizantes. Entre eles tenho o prazer de preparar alguns para serem unidos à Igreja. Outra parte está procurando harmonizar a sua vida com os preceitos do Senhor. Certo, Satanaz não dorme e procura desanimar-nos tentando muitos a hesitar. Mas temos confiança nas promessas do Senhor e sabemos que, onde há uma sincera vontade, também se encontra o caminho para segui-lo.

Neste momento lembro-me da Aldeia de Mourelas e dou graças a Deus pela multidão, que ali está ouvindo a sua Palavra.

Ainda não sabemos quando esta semente dará fruto, mas creio que segundo Isaías 55:10 — 11, nenhuma «Palavra de Cima» tornará para lá vazia. Prezados co-irmãos, não esqueçais este povo nas vossas orações, que está mergulhado na ignorância e consequentemente no pecado para que Jesus os liberte e possam gozar como nós da Verdade que conduz à Salvação!

Devido às circunstâncias, começámos com a campanha um pouco tarde. Mas graças a Deus, já temos alguma coisa a apresentar. Sobre tudo aprecio a coragem e a nobreza de umas irmãs da nossa congregação, que todos os anos se oferecem com o mesmo espírito e com a mesma boa disposição, para serem fiéis e económicos colaboradores na Causa do Senhor. Com esse zelo, e evidentemente com a bênção do Senhor, alcançaremos o nosso alvo, embora seja um pouco elevado.

Nesse espírito saudamos sinceramente todos os irmãos do Campo Português, animados pelo sublime pensamento, de que finalmente todos nós estamos puxando na mesma rêde e que é preciso puxar com união e bom entendimento para que a colheita d'almas seja abundante. — *K. Sommer.*

Vila Real de Santo António — Presados irmãos: como vós todos bem sabeis, quando

fui enviado para esta localidade, tínhamos a nossa sala de reuniões fechada por ordem das autoridades; para mim era penoso de me achar, como um pássaro com as asas cortadas sem poder voar, impossibilitado de poder continuar e desenvolver este trabalho em favor das almas. Três semanas após a minha chegada, considerando que o poder de Deus é superior ao dos homens, reünimos os irmãos, fizemos uma reunião de oração, pedindo ao Deus do céu, que, se era a Sua vontade que esta porta voltasse a abrir-se, que Ele conduzisse os meus passos, visto no dia seguinte ir visitar as autoridades e falar-lhes sobre este mesmo assunto. Fui, falei, fui atendido e graças ao nosso Deus, temos hoje a nossa porta aberta ao povo desta terra.

Se bem que a obra tenha sido prejudicada, por este estacionamento de dois anos, temos uma regular assistência, de irmãos firmes na fé, alguns preparados para o baptismo e de almas novas que nos visitam com o maior interesse de perfilharem a nossa fé. Peço agora a Deus força e inteligência para poder continuar e alongar as cordas desta tenda espiritual e por isso peço-vos que depois de haverdes lido estas linhas não vos esqueçais de orar por este trabalho contribuindo assim para o avanço desta bela obra. É o rogo deste vosso irmão e colaborador em Cristo Jesus. — *Luthero Simões*

Fala um Colportor — De uma carta do colportor Ir. Ataíde Candeiias, extraímos o que segue:

«Tôdas as pessoas se nos lamentam devido à crise que reina por tôda a parte; e nós, por vezes, somos impellidos a dar-lhes o apoio porque vemos que é um facto. Mas ao mesmo tempo sentimo-nos muitíssimo alegres porque temos tôda a nossa esperança baseada no Espírito Santo. Sabemos que, se formos fiéis, o Espírito Santo há-de demover tôdas as dificuldades e obstáculos que nos impeçam de colocar os livros no seio das famílias.

Ainda um destes dias eu, mais o meu companheiro, irmão João Esteves, fomos visitar o paquete *Quanza* e sentimos verdadeiramente o Espírito de Deus no nosso meio. Tivemos o alto privilégio de, com a ajuda do Senhor, colocar 13 livros grandes no valor de 269\$00.

Tal é a obra do Espírito Santo!... Graças a Deus por tão bom trabalho. E ainda o que mais nos consola é o seguinte: esperamos que o Espírito Santo vá ajudar tôdas as pessoas na leitura dos livros para que muitas delas tenham acesso à vida eterna por intermédio das boas leituras que nós lhes vendemos. Oxalá que assim seja, e que Deus abençoe grandemente este tão importante departamento para que a Sua obra possa avançar a passos gigantescos e os propósitos de Satanaz sejam malogrados. É o meu grande desejo.»

Falecimento — Com a idade de 55 anos, faleceu no dia 4 de Setembro, vítima por uma septicemia, a nossa prezada Irmã Maria das Neves Casal, sogra do Ir. Otto Ide, actual evangelista no Porto. Até ao último momento deu sempre aos que com ela tratavam as mais inconfundíveis provas de resignação cristã. Deixa uma profunda saúda em todos quantos a conheceram. Aos membros da sua família exprimimos a nossa simpatia na sua dor, tendo a esperança de que na vinda de Jesus a encontraremos entre os Seus escolhidos.

Missão de Cabo Verde

Brava — A Igreja da Brava recebeu com muito agrado o primeiro número da nova edição da *Re-*

vista Adventista e reuniu 14 assinaturas anuais. Alguns desejariam também recebê-la mas a sua situação financeira não lhes permite.

Creio que se há uma igreja muito isolada é a nossa. Aqui vivemos nesta ilha em comunicações, por assim dizer, com o exterior. Todos nos conhecemos e sempre vemos as mesmas caras. Portanto a Revista ajudará os membros a sair um pouco do seu isolamento, porque vão-se familiarizando com os nomes das igrejas e dos obreiros da nossa União, assim como podem seguir a actividade nas campanhas e noutros trabalhos de Evangelização.

Actualmente a Brava está passando por uma grande crise. Há muitas casas em que se não põe a caldeira ao lume durante dias por carência completa de alimento. Também a falta de chuva está preocupando muito a todos. Pois já estamos em

Agosto e tudo continua sêco e desolado. As cisternas há muito que estão sêcas. Os animais e o povo têm que ir muito longe por caminhos muito íngremes às duas únicas nascentes que ainda vertem alguma água. Que seria dêste povo se as águas faltassem êste ano? Nem queremos pensar nisso. Antes desejamos crer que quando estas linhas forem lidas, por misericórdia de Deus, já tenham caído chuvas abundantes.

Quanto ao trabalho evangélico, há cinco preciosas almas que desejam unir-se brevemente à nossa igreja pelo baptismo, as quais, com dois crentes já baptizados, constituirão o nosso grupo de crentes da Vila.

Queiram os nossos irmãos da União Portuguesa lembrar-se nas suas orações de nós aqui em Cabo Verde. — *A. F. Raposo.*

Através do Mundo Adventista

24 almas ganhas pela Colecta do Outono — Uma irmã da Austrália, trabalhando na Campanha, entrou em contacto com uma senhora que, graças a um trabalho pessoal aturado, aceitou a mensagem. Esta senhora por sua vez interessou uma amiga na verdade que tinha para ela tanto valor; e pouco tempo depois esta amiga, assim como o seu marido e família, compreendidos dois genros, abraçou a mensagem. Um dos genros é actualmente obreiro da Conferência. Mas não ficaram por aqui os resultados do esforço realizado por uma fiel irmã aquando dêste primeiro contacto durante a Campanha do Outono. Outra família de oito membros, e depois outra de três, foram ganhas à verdade pelo trabalho pessoal da senhora que, primeiramente, aceitou a mensagem; um membro dest'outra família foi o instrumento da conversão de quatro pessoas. E assim vinte e quatro pessoas, lódas de boa fé, sérias, zelosas e fiéis à causa do Mestre, foram ganhas como resultado duma visita feita por ocasião da Campanha do Outono, e de um trabalho pessoal.

Frutos de um livro adventista — Escreve o Ir. C. E. Lambeth, da União Sul Brasileira; «Recebi ontem uma carta falando de um homem do longínquo Goiaz, que andou centenas de quilómetros justamente perguntando aqui e ali se alguém sabia de um povo que guardava o Sábado. A nossa obra não estava bem estabelecida naquele lugar, mas êle finalmente chegou a uma pequena aldeia onde havia um grupo adventista. Ficou sumamente alegre e imediatamente pediu ao pastor que lhe desse alguns estudos bíblicos. Disse ainda que havia mais dezanove pessoas na terra onde vivia, que se estavam esforçando por guardar o Sábado. E tudo por causa de um livro que fôra vendido havia muito tempo naquele longínquo território!»

Relatórios do trabalho missionário referentes aos anos de 1939 e 1938 — Para os nossos leitores avaliarem o trabalho missionário realizado pelo nosso movimento, apresentamos o relatório referente aos dois últimos anos:

	1939	1938
Estudos bíblicos.....	2,921,654	3,329,256
Visitas missionárias.....	4,184,879	4,261,403
Pessoas trazidas às reuniões	1,319,978	1,400,688
Pessoas socorridas.....	3,266,231	3,491,016

Tratamentos dados.....	1,004,852	1,080,099
Horas de Trabalho de caridade.....	2,403,028	2,090,721
Peças de roupa dadas.....	1,216,900	1,208,918
Flôres e frutas.....	673,352	564,469
Literatura distribuída.....	21,805,718	23,141,624
Cartas missionárias.....	610,343	630,881
Entrados na igreja.....	12,556	12,402
Porcentagem média de membros que relatam.....	45%	49%
Observam semanalmente o culto missionário.....	4,146	4,116
Observam mensalmente o culto missionário.....	4,871	4,687
Classes de instrução bíblica	1,302	1,328
Sociedades de Dorcas e Beneficência.....	3,161	2,854
Igrejas com grupos organizados.....	2,711	2,445

Os bolsos de um mendigo — Numa povoação da Índia, um residente europeu deu a um mendigo um fato usado. Nos bolsos, o mendigo encontrou uma parte do Novo Testamento e oito ou nove tratados evangélicos. Hoje nessa terra, os templos de ídolos estão vazios e abandonados, e todos os habitantes professam o cristianismo.

Grupos de observadores do Sábado no Brasil — No Brasil encontram-se uns quarenta grupos de observadores do Sábado, avidos e sinceros que nunca viram prégador; foram apenas os impressos que lhes revelaram a luz.

O jornal adventista de maior tiragem — É a revista «Signs of the Times» (Sinais dos Tempos), que se publica nos Estados Unidos. Tem a tiragem semanal de 97.000 exemplares. Conta o seu editor, A. S. Maxwell, que seja elevada a 100.000 até ao fim do presente ano.

Trinta e seis milhões de peças de literatura — Tal foi o número de livros, folhetos, periódicos, etc. publicados em 1939 pelas nossas três principais casas editoras dos Estados Unidos.

A nossa literatura na Alemanha — O primeiro semestre do ano corrente registou na

Divisão da Europa Central, que compreende a Alemanha, a Holanda, e a Polónia Alemã, o maior êxito de vendas da nossa literatura obtido até hoje. Vemos que Deus continua no meio das perturbações por que passa a Europa, auxiliando os seus filhos e abrindo o caminho para a expansão da Mensagem.

Dez perguntas Irrespondíveis — Na América foram apresentadas pelos Adventistas dez perguntas, com promessa de elevada gratificação, mas que até ao presente ainda não obtiveram resposta. Pediam-se os dois textos seguintes:

1. Um texto que diga que o Sábado foi mudado para o Domingo.
2. Um texto que chame ao Domingo (ou primeiro dia da semana) dia santo.
3. Um texto onde nos seja dito que observemos o domingo como dia santo.
4. Um texto que diga que Jesus guardou o primeiro dia.
5. Um texto que dê ao Domingo qualquer espécie de título sagrado.
6. Um texto que nos mande guardar o domingo da ressurreição do Senhor.
7. Um texto que diga que algum dos apóstolos guardou o domingo.
8. Um texto de algum dos escritos dos apóstolos que ordene a observância do Domingo como Sábado.
9. Um texto que diga que era costume na igreja primitiva reunir-se no Domingo.
10. Um texto que diga que o Sábado — Sétimo dia — está abolido.

O mundo há-de ser convencido, não pelo que o púlpito ensina, mas pelo que a igreja pratica. O ministro, ao púlpito, anuncia a teoria do evangelho; a piedade prática da igreja demonstra o seu poder. (*Testemunhos Selectos*, vol. V, pág. 18).

Ensina o povo a conformar-se em tôdas as coisas às leis do seu Estado, quando assim podem fazer sem entrar em conflito com a lei de Deus. (*Testemunhos Selectos*, vol. V, pág. 283).

SUMÁRIO

Ainda a campanha do Outono.....	1
Para os dirigentes das sociedades missionárias ...	2
12 lugares onde se pode fazer trabalho pessoal	3
O tempo em que vivemos demanda fé e coragem	4
A pontuação.....	5
Departamento da Escola Sabatina.....	6
Dia da Escola Sabatina.....	8
Departamento da Colportagem.....	9
Sobre o uso dos copos na Santa Ceia.....	10
Polemistas sim! Mas honestos!.....	11
Deverão baptizar-se as crianças?.....	13
Noticias do campo.....	13
Através do Mundo Adventista.....	15

Semana da Oração

O próximo número da REVISTA ADVENTISTA será inteiramente consagrado à Semana da oração, que terá lugar de 7 a 14 de Dezembro. Todos os membros da igreja que não sejam assinantes da Revista e desejem obter esse número, queiram dirigir-se à Redacção para lhes ser enviado.

EIS O SUMÁRIO :

Perigos dos últimos dias, por F. M. Wilcox.

A vossa redenção está próxima, por W. G. Turner.

Transformações notáveis nos nossos campos missionários, por A. G. Stewart.

Libertações providenciais, por A. V. Olson.

Olhando para o campo, por E. D. Dick.

Aliança com Deus pelo sacrifício, por W. E. Nelson.

O apelo da hora presente à juventude, por Steen Rasmussen.

O poder para a conclusão da obra, por J. L. McElhany.

Nenhum adventista deixe de possuir este número, que lhe servirá de boa orientação nos dias maus que vamos atravessando.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mestral

Director: *Dr. A. J. Girou*

Redactor: *Ernesto Ferreira*

Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,
Rua das Picoas, G. F. C., 3.º — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual..... 5\$00